

## Narrativas e Memórias de Estudantes Gays e Lésbicas na Educação do Campo

Irismar Oliveira dos Santos<sup>1</sup>  
[yuri-oliveira82@hotmail.com](mailto:yuri-oliveira82@hotmail.com)

**Resumo:** O presente artigo é oriundo do projeto de pesquisa acerca das memórias e narrativas dxs jovens LGBTs do campo, especificamente, do município de Prado, Estado da Bahia, bem como em cenas de memórias autobiográficas. A proposta se insere nas atividades do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia. O artigo tem como objetivo narrar, brevemente, as lembranças traumáticas ou não dos indivíduos dissidentes na área campestre do referido município. Salienta-se que a necessidade dessas narrativas se postula na premissa de que pouco ou quase nunca se fala do agir coercitivo, da sexualidade e seus afetos em áreas campestres. O texto “desnuda” pesquisador e pesquisadxs de modo horizontal, ou seja, sem sobreposições, uma vez que as diferentes questões culturais estabelecem uma relação de verticalidade nos sujeitos deste texto.

**Palavras-chave:** Narrativas. Memórias. Educação do Campo. Gênero. Sexualidade.

## Narratives and Memories of Gays and Lesbians Students in Countryside Education

**Abstract:** The present article is from the research project on memories and narratives of young LGBT in the countryside, specifically, in the county of Prado, State of Bahia, as well as in scenes from autobiographical memories. The proposal is part of the activities of the Postgraduate Program in Teaching and Ethnic-Racial Relations, of the Institute of Humanities, Arts and Sciences at the Federal University of South Bahia. The article aims to briefly narrate, the traumatic memories or not of the dissident individuals in the rural area of that county. It is emphasized that the need for these narratives is postulated on the premise that little or almost never talks about coercive action, sexuality and its affections in rural areas. The text “bare” the researcher and the researched in a horizontal way, that is, without overlapping, since heteronormativity is the one who establishes a vertical relationship in the subjects of this text.

**Keywords:** Narratives. Memories. Countryside Education. Gender. Sexuality.

<sup>1</sup> Mestrando em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e Vice-Diretor da Escola Municipal “Santa Rita de Cássia” do Município de Prado/BA.

## 1 Introdução

O presente artigo foi produzido com base em minha pesquisa de mestrado acerca das narrativas e memórias dxs<sup>2</sup> jovens LGBTs do campo, especificamente, do município de Prado, estado da Bahia. Tal iniciativa se manifestou por eu atuar há dezessete anos na educação campesina do referido município e presenciar discursos LGBTfóbicos e machistas no ambiente escolar, oriundos de alunxs, educadorxs e membrxs da comunidade.

Desse modo, o artigo acerca das “Narrativas e Memórias de estudantes gays e lésbicas na Educação do Campo” foi pensado a partir dos silenciamentos existentes nos espaços educativos, familiares e comunitários dxs jovens gays e lésbicas campesinxs. O estudo faz uso das reminiscências dxs estudantes que convivem ou conviveram nesses espaços.

Com isso, este texto resume narrativas e memórias, tanto minhas quanto dxs jovens das áreas campesinas, uma vez que “o uso das reminiscências no trabalho torna-se desta forma, como uma possibilidade de trabalhar com bloqueios e traumas, na tessitura de relatos que estejam externados em experiências escondidas durante anos e/ou décadas” (SILVA, 2011, p. 3). Vale salientar que a oralidade oriunda das identidades tidas como subversivas são fundamentais para dar visibilidade e poder, mesmo que momentâneo, aos grupos dissidentes.

Quanto ao campo, cuja pesquisa foi desenvolvida, muito se assemelha com a descrição de Paiva (2015, p. 79): “[...] a zona rural se caracteriza por relações sociais intensas entre todas as pessoas da comunidade que convivem diária e acentuadamente. Todas as pessoas se conhecem, não de forma superficial, mas de cunho profundo e geracional”. Isso faz com que exista certo conhecimento sobre as particularidades dx outrx, ou seja, são notadx, apontadx e expostxsos gostos, as manias e os credos alheios com precisão e familiaridade.

No que concerne ao campo das memórias e suas narrativas, nem todxs gostam de adentrar no presente e serem rememoradx com a mesma trivialidade do banho tomado pela manhã, da cor do batom comprado no mês passado ou como a lembrança da roupa usada no Natal. Neste sentido, compreende-se que “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989, p. 6).

---

<sup>2</sup> Este trabalho arrisca uma escrita *Queer*, por isso, a utilização do “X” se faz necessária na desconstrução dos binarismos.

Em alguns casos, quem ouve precisa ter certa aproximação com o universo de quem fala. É fundamental haver empatia porque paira o pensamento de que “em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?” (POLLAK, 1989, p. 6).

Porém, vale pensar que em uma área campesina, “[...] qual pessoa se denominaria homossexual em um espaço de extrema reclusão?” (PAIVA, 2015, p. 93).

Ainda para o autor:

a zona rural sempre foi classificada como um ambiente repressor e conservador, já a cidade tem como características o anonimato e a liberdade. Na lógica que a heterossexualidade é normatizada em todos os ambientes, uma comunidade campal tem enraizadas questões como o machismo e a heteronormatividade de forma mais intensa que o ambiente urbano, por conta de questões geográficas e de valores socioculturais (PAIVA, 2015, p. 75).

Assim, para o desenvolvimento do trabalho, foi preciso lembrar o processo político e social que estruturaram a normalização da sexualidade dxs jovens, ou seja, como tiveram que lidar com situações onde era preciso assumir uma postura heteronormativa contrária aos anseios do corpo e da mente. Nessa conjectura, “[...] se aplica a dicotomia do público e do privado, onde a identidade é performatizada de acordo com o ambiente” (PAIVA, 2015, p. 82). Essa concepção se configura, para Silva (2011, p. 4), como “um jogo de poder [...] exercido em uma rede que se constitui por toda sociedade”.

Como este artigo explora uma abordagem campesina, vale elencar, brevemente, o que distingue a educação rural da educação do campo. Desse modo, a primeira traz um currículo que remete ao mundo rural, dentro de uma perspectiva de espaço e território. Já a educação do campo trabalha na perspectiva das identidades campesinas, trazendo múltiplas temáticas em seu currículo formal e informal, sejam do meio campesino ou não. Ela é ofertada, exclusivamente, no campo e os indivíduos que a promovem podem ou não pertencer à comunidade ou ambiente em que a escola está inserida. Assim, temos a “educação rural - responsável por formar o aluno em um agricultor voltado para um modo de ser - e educação no campo ou educação no meio rural - responsável por levar ensino, recursos e/ou técnicas ao campo que não sejam necessariamente rurais” (MELO, 2011, p. 33-34).

Dada a dicotomia educação rural e educação do campo, estando algumas citações que menciono no texto abordando a categoria rural, este artigo trabalhará com a categoria campo e

campesinxs. Isso se deu porque xs interlocutores que colaboraram com este trabalho estão inseridxs na educação do campo, reconhecendo-se também como campesinxs.

## 2 Memórias e trajetos de um pesquisador com trejeitos

Escrever sobre as reminiscências é um misto de alegria e dor. Ora são reveladas belas e coloridas imagens da vida, ora é preciso mirar um céu cinzento. Então, opto por relatar essas duas vivências, pois ocultando uma e edificando outra, eu não seria capaz de abordar sobre minha identificação com o Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações-étnico Raciais (PPGER) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Há um sabor agridoce, um perfume suave e intenso que se alternam nas cenas da vida. Do que valeriam as narrativas e memórias cantadas pelxs velhxs cancioneirxs das esquinas e calçada sem os contratempos ingloriosos, sem as quedas ríspidas e o olhar inquisidor lançado e recebido? Desse modo, falarei em brevidades sobre os momentos em que fui pódio e chão.

Segundo Bourdieu (2006, p. 183), “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história [...] que tem um começo (‘uma estréia na vida’), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade [...]”. Isto condiz com uma linearidade e um roteiro a ser seguido pelos seres vivos. Todavia, não há história sem dores, sofrimento e negação do desejo.

Desde cedo, meu pai me chamava de “Bururu”, mesmo eu nunca tendo perguntado o que significava; já minha mãe preferia “Inha”. Recentemente, descobri que “Bururu” se trata de indígenas que vivem na margem esquerda do Rio Amazonas. Quanto a “Inha”, ficou claro que era um diminutivo carinhoso.

Desses dois apelidos, sempre preferi o Yuri, atribuído por uma lésbica amiga de minha irmã. Elas jogavam futsal e eu era o gandula. Certa vez, ela disse que Ilrismar era complicado de falar, Então, Yuri caía bem. Foi assim que uma representante do Vale<sup>3</sup> me batizou.

Aos seis anos, estando no quintal com um primo, senti um desejo inédito, até aquele momento, e quis aproximar meus lábios dos seus. Mesmo tendo total desconhecimento do que isso significava, fi-lo. Não sabia que havia uma normalização no mundo que me cobraria para

<sup>3</sup> Vale é uma expressão do Pajubá LGBTQIA+. É o local onde metaforicamente residem, em plena liberdade, as pessoas desse grupo.

sempre aquela transgressão “descabida”, “desajustada” e que fugia a todos os princípios da moral e dos bons costumes.

É lamentável que “o selo da ‘normalidade’, colado aos corpos de determinados grupos de sujeitos desde a mais tenra idade, sugerem pistas para (re)pensarmos que nem mesmo as crianças escapam às normas regulatórias de gênero [...]” (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018, p. 63).

Mas aquele instante foi tão natural para ambos, tão bom que repetimos a cena até os dez anos. Depois disso, tivemos que parar porque, ao observar as pessoas e suas atitudes a nossa volta, entendemos que estávamos vivendo algo tido como ruim, representado como pecado para a infância porque “a criança viada não existe. A criança bicha tampouco. Idem à criança *queer*. Neste sentido, o que podemos pensar são formas de insurgência a contestar as noções sagradas e essencializadas de infância e do que é e pode uma criança” (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018, p. 61).

Dodsworth-Magnavita (2012, p. 17) afirma que “Foucault, mais de uma vez, apontou para o fato de que a vida é uma escolha entre perigos. Não existe um ‘caminho ideal’, mas sim riscos mais ou menos administráveis”. Mas, para mim, que nunca ouvira falar sobre administrar riscos, era impossível aceitar que beijar, acariciar e gostar de estar próximo do meu primo não fosse tão natural como caminhar de bicicleta.

Logo, tive o hábito de esperar meus pais irem trabalhar e minha irmã estudar para ir até o cesto de roupas sujas e vestir algumas peças femininas. Preferia o cesto por não saber dobrar as roupas já guardadas nas cômodas. Amava pôr o vinil do “Xou da Xuxa 3” e repetia por inúmeras vezes a canção *Apolo* que dizia assim:

*“O meu cavalo branco tem o branco da paz,  
vai descobrir o mundo onde somos iguais.  
Se existe esse mundo, guarda ele pra nós,  
me mostra esse caminho no galope veloz.  
Apolo, viaja para liberdade.  
Apolo, me leva para felicidade”.*

No mais, hoje, com o olhar de um adulto, pego-me a pensar o porquê de uma criança em tenra idade gostar de uma canção que falava de liberdade, que trazia na letra a fuga, o desprendimento. Mas, mesmo sem entender, esse menino já sentia que necessitava passear pela passadeira de sua casa com a toalha na cabeça, com o batom tomando-lhe os lábios. Talvez, fosse aquela letra, a razão do desprendimento ou, quem sabe, a mola propulsora para o encontro com o próprio corpo.

Mas, nem tudo foi festa. Certa tarde, depois de passar o batom, prender a toalha na cabeça e pôr os pregadores nas orelhas, apanhei uma saia jeans e, estando sem cueca, puxei o zíper com muita força. Não demorei para sentir uma dor aguda. Minhas mãos ficaram vermelhas, a dor aumentava e o desespero foi maior quando notei a carne de minha genitália entre todo o zíper.

Corri para o quintal e pedi socorro à vizinha. Essa, antes de perguntar o que houve, mostrou seu ar de deboche. Ela deitou-me no sofá da sala e fiquei à espera de meus pais. Mas, com eles, vieram a enfermeira do postinho, tixs, primxs e vizinhxs. Meu pai, que tinha um açougue, ainda estava sujo de sangue.

Depois da genitália costurada no sofá da sala e vizinhxs e parentes terem partido, minha mãe me pegou para dar banho. Para minha tristeza, meu pai a interpelou dizendo: “quem dá banho nele, sou eu”. Lembro nitidamente de cada som que saía de sua boca. Ele me levou para o quintal, apanhou a escova de dar banho nos cavalos e burros de sua olaria e começou a passá-la sobre minhas costas dizendo: “criei filho para ser homem, não viado. Se você for viado, eu te mato”. Nada disse, acho que ele deve ter percebido o terror no meu olhar e aquilo bastava. Meu pai havia cumprido o seu papel disciplinador.

Com isso, para as pessoas de meu convívio, o normal era perpetuar as coisas de menino. Todavia, o que me inspirava era o universo feminino. Perdia-me desenhando, fazendo bonecas de argila, produzindo pequenos contos e poemas. Fazia as bonecas de barro na olaria de meu pai. Criava mulheres de vestidos, de saias, de cabelos e com saltos. Em uma manhã, enquanto um rapaz forte cavava o barreiro com uma enxada, eu, sentado na grama, esperava a argila para brincar. Sem esperar, ele piscou para mim. Então, senti-me no direito de retribuir. Soltei um beijo.

Do nada, levei uma bofetada vinda pelas costas e o olhar de ódio de meu pai que se misturava ao reflexo do sol. Já o rapaz sorria. Ainda não sei se aquela piscadela foi

provocativa ou se tinha maldade por ele ter notado e eu não, a presença da truculência. Em casa, a pancada foi maior. Ao dormir, o tocar das costas no lençol despertava-me.

Em outro momento da minha vida, meu pai decidiu vender bananas e as pendurava na janela de casa. Aos sábados, eu ia à feira vendê-las próximo à barraca de uma tia que também nos dava alguns mantimentos. Em minha cabeça, aquilo não era coisa para mim... um menino delicado e artista. Eu queria criar roupas, logomarcas e pintar quadros e não gritar por bananas maduras e baratas estendidas em uma lona preta.

Nada ia bem, para piorar, meu pai achou de discutir com um homem enquanto eu chamava os fregueses. De imediato, o senhor apontou para mim e disse: “Melhor ter filhx vagabundx do que filhx viadx”. Meu pai somente olhou em minha direção e meu corpo tremeu. Receei que apanharia ali mesmo, mas ele somente olhou.

Ainda sobre o episódio, em casa, minha irmã disse: “antes de fazer as coisas, penso em mainha e painho. Você deveria pensar também”. Pergunto-me se aquele olhar foi um modo dele me proteger dos preconceitos do mundo, mas “o que é enaltecido como proteção à criança revela a tentativa de manutenção da vivência heterossexual como natural e, consequentemente, concede caráter de anormalidade às sexualidades dissidentes, afinal se protege do que é perigoso!” (BRAGA; MACHADO; OLIVEIRA, 2018, p. 78).

Já na escola, furavam o pneu de minha bicicleta e colavam folhas de caderno com dizeres: “viado fateiro”, “bicicleta de bicha”, “dá cu” e por aí além. “O *viadinho* abusado é corpo resistente, mas, sobretudo, corpo violentado” (BRAGA; MACHADO; OLIVEIRA, 2018, p. 84, grifo dos autores).

Ainda para Braga, Machado e Oliveira (2018, p. 78),

os lugares cristalizados de feminino e masculino, funcionais à heteronormatividade, são corroborados no espaço escolar, nos quais, desde o uniforme até a disposição dos banheiros, encontramos mecanismos úteis a uma vigilância e regulamentação de como os corpos devem se comportar a partir do seu sexo “natural” (BRAGA; MACHADO; OLIVEIRA, 2018, p. 78).

Todavia, essa coerção a uma performatividade de gênero vinculada ao meu sexo biológico ocorria em outros espaços. Na rua, não era diferente. Quando passava pedalando por algum grupo de garotos, ouvia: “olha ela”.

### 2.1. Ele é diferenciado, especial ou *mãñã*?

No ano de 2001, fui trabalhar em uma escola do campo do município de Prado, especificamente, na Comunidade de Veleiro. Jamais imaginei que aquele arrumar de malas perdurasse até hoje. Xs professorxs eram e continuam sendo do Guarani, distrito de Prado, e de Itamaraju. Morávamos em uma república dentro da escola. Xs funcionárixs, uma vez ao mês, iam à cidade trocar o cheque do pagamento e abraçar a família. Eu fazia o mesmo.

Tudo seguia sua normalidade, até que umx colegx de trabalho mais falante me perguntou certa vez de que fruta eu gostava. Eu disse que tinha uma namorada e que sentia saudades. Elx somente riu. Mas eu não era bobo e sabia que a ironia brotou dos lábios como uma semente em solo fértil. Depois daí, as perguntas sobre minha sexualidade eram constantes. Passou a vir dxs alunxs, delx e de outrxs colegxs.

Não demorou e algo inusitado ocorreu. Ao trabalhar, não trancava a porta do quarto, pois a secretaria não era distante do alojamento. Xs colegxs notaram isso. Então, foi extremamente fácil entrar em meu quarto, vasculhar minhas coisas e terem provas de que sempre fugi dos padrões. Lá, encontraram fotografias, cartas, poemas e provas suficientes sobre minha sexualidade.

Porém, só soube da invasão depois que as pessoas haviam saído da escola. Mas, na época, as piadas eram constantes. Fiquei firme. Recordo-me que, em uma manhã, estava digitando um texto, quando umx colegx se aproximou e fez insinuações sexuais. Com uma das mãos, tocava a genitália, enquanto a outra me acariciava para que eu o tocasse. Levantei e saí sem encará-lo, mas pude ouvir suas risadas enquanto caminhava em direção à saída da secretaria.

Aquilo foi um mero assédio? “[...] Vítimas, que compartilham essa mesma lembrança ‘comprometedora’, preferem, elas também, guardar silêncio” (POLLAK, 1989, p.7), mas, desde o início do texto, optei por não esconder minhas memórias.

Sabia que aquilo era uma armadilha e que logo mais pessoas apareceriam para fazer a rodinha pilhérica. Minha garganta deu nó e senti vontade de partir para “porrada”. Naquele instante, sabia que não daria para ficar naquele lugar.

A postura delx me fez lembrar o velho discurso de que o viadinho é aquele que toca e não aquele que se deixa tocar. Hoje, vejo isso como um espectro do machismo e do



heterossexismo estrutural, cujo passivo é quem assume uma posição feminina, pois *gay* jamais será aquele que “come”, pois ainda estará exercendo seu papel de dominador, daquele que penetra, que enrijece o membro e mostra poder.

Braga, Machado e Oliveira (2018, p. 82) relatam que “o prazer do cu é produção de afeminados penetráveis! [...] Desse modo, veicula-se a reiteração do feminino como corpo desejante pela penetração e o masculino, em oposição, é o sujeito que deve renunciá-la”, ou seja, alguns não veem o penetrar com a mesma significação do ser penetrado.

Em meados de 2002, um professor novato, mesmo sem formação como os demais, lecionava Língua Portuguesa. Ele gostava de usar colares e brincos da cultura indígena. Não éramos próximos, mas todas as vezes que ia até a secretaria em busca de algo dizia: “Posso assinar o ponto *mãnãy*?”. A diretora saiu hoje, *mãnãy*?”. “Você sabe se o pagamento sai hoje, *mãnãy*?”. Enfim, não mais me chamava pelo nome. Aquilo me irritava, porque não sabia o significado.

Porém, a curiosidade é algo que está em nós. Decidi perguntar a uma funcionária da cantina o significado daquela palavra. Ela mexia um tacho de merenda quando perguntei. Lembro, nitidamente, que ela sorriu e olhou pra mim perguntando: “Quem te chama assim?”. Se quer havia mencionado que me chamavam assim, mas ela logo fez suas deduções. “Significa viado”<sup>4</sup>, respondeu batendo a colher sobre a palma da mão para experimentar o mingau.

Tempos depois, esse mesmo professor foi trabalhar em outra escola e o apelidaram de “Diferenciadx”, pois quando bebia se insinuava para os rapazes. Hoje, mesmo casado com uma mulher, carrega esse rótulo. Penso que, se for verídico o que falam sobre sua sexualidade, ele só queria encontrar um parceirx *mãnãy*. Quanto à resposta para esta subseção: Ele sempre foi tudo em um só.

### 3 Nossas vivências sempre chocam

<sup>4</sup> Mãnãy é uma palavra da língua Patxohã, utilizada para se referir aos homossexuais masculinos.

Neste tópico, serão relatados breves trechos das entrevistas com alguns jovens LGBTs da área campesina do Município de Prado/BA. Os nomes reais dxs entrevistadxs foram preservadxs.

Para este estudo, elaboraram-se entrevistas semiestruturadas com diálogos que remetem à família, escola e o espaço campesino. Isso porque analisar os diferentes ambientes das relações interpessoais torna-se importante, pois “alguns mecanismos sociais colaboraram e colaboram para manutenção de espaços geradores de homofobia na sociedade” (SILVA; LEITE JUNIOR, 2016, p. 32).

Quanto às entrevistas semiestruturadas, Boni e Quaresma (2005, p. 75) argumentam que,

[...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Esse tipo de entrevista “[...] também têm como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75), e sobre essa interação é fundamental que exista algo que aproxime entrevistador e entrevistado.

Nogueira *et al* (2017, p. 468) ainda apontam que

a pesquisa com histórias de vida é, assim, um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisador - pelo pesquisador, como método que pressupõe a existência de vínculo; pelo sujeito, participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida (NOGUEIRA *et al*, 2017, p. 468).

Com efeito, pesquisar sobre as vivências dx outrx é algo que requer um nível significativo de abertura e confiança, pois adentrar no mundo alheio é assumir uma responsabilidade que vai além da própria história de quem pesquisa. Assim, narrar o sofrimento, as dores e o gozo que não te pertenceram é uma tarefa que requer estrutura emocional, bom senso e, por vezes, supressão de diálogos que incomodam o entrevistadx.

Esse ocultamento é fortemente evidenciado no espaço campesino. Porém, além do agir coercitivo sobre a sexualidade, há um apontamento trazido por Paiva (2015, p. 75),

[...] a heterossexualidade é normatizada em todos os ambientes, uma comunidade campal tem enraizada questões como o machismo e a heteronormatividade de forma mais intensa que o ambiente urbano, por conta de questões geográficas e de valores socioculturais. Contudo, existe uma alegação que em comunidades rurais há uma consumação de práticas sexuais entre adolescentes homens, ou seja, uma prática sexual gay durante a puberdade masculina (PAIVA, 2015, p. 75).

Quando transgressores da norma, esses indivíduos se mascaram, ocultam-se dentro do próprio corpo, adaptam-se à linguagem e ao um mundo alheio para não serem esquecidxs, isoladxs e vistxs como aberrações nos espaços de convívio social. “É intrigante pensar em um discurso de repressão tão forte [...] onde a identidade é performatizada de acordo com o ambiente” (PAIVA, 2015, p. 82).

### 3.1 Família

Notei que a questão familiar é algo que incomoda todxs xs entrevistadxs, pois a aceitação e o respeito são elementos que dão uma tônica de liberdade ao jovem gay e à jovem lésbica, uma vez que quando existe a afetividade no lar, enfrentar o preconceito externo é menos doloroso.

Ao abordar esse tema, começemos por Violet, 21 anos. Elx mora no Assentamento Nova Esperança e se identifica como “meio *queer*”, mas de modo oculto dxs outrxs. Por vezes, como elx mesmo diz: “Escorrego em meus status e deixo transparecer o que sou, é uma forma de me autoafirmar e construir minha identidade, também”. Então, é por meio de um aplicativo que Violet se constrói. Quando falamos sobre família, elx disse que,

pra família, eu ser *viadx* nunca foi novidade. Eles sempre já sabiam. Quando eu tinha por volta de três anos e meio a quatro, eu já sabia do que gostava e do que queria e o que era. Eu bem pequenininha já amarrava pano na cabeça, botava salto e desfilava no meio da casa e o povo da família olhava e falava: *essx quebra*. Então, não foi novidade. Acho que foi mais o meu medo que me prendeu de falar quem realmente eu era. Pra mim que foi muito difícil porque tive um envolvimento com religião, e você sabe que a gente que vive essa condição é *condenadx*, não por todas religiões, mas algumas específicas.

Violet, 21

Em todo momento no processo da entrevista, x jovem mostrou que sua família nunca fora uma barreira para sua sexualidade e que quando criança agia naturalmente, o que mostra que o biopoder sobre os corpos, no que se refere à regulação do gênero atrelado à genitália, é coisa de uma cultura enraizada no agir coercitivo dxs adultxs. Ainda, para Cássix, 21 anos, a aceitação familiar ainda não ocorreu. Segunda elx,

minha família sempre abominou. Na verdade, minha família abomina até hoje. Quando meu pai via algumas cenas em novelas e filmes, ele questionava e eu me sentia bem triste... muito, muito triste. Me sentia inútil porque eu falei: “cara quando meus pais descobrirem que tenho esse gosto, que tenho atração sexual por mulheres, eles vão me matar e aí fui enfrentando mesmo assim”. Pra me assumir, eu tive que sair de casa, ir pra outra cidade. Na verdade, eu tive que fugir. Estando longe, eu tive uma segurança de dizer o porquê, de dizer que era por conta que eu gostava de mulher. Elxs fingiram me entender por eu estar longe. Mas sempre tem aquela imagem de ninguém tocar no assunto, na realidade, ninguém toca. É muito difícil dentro da minha casa [não] poder falar da minha sexualidade. A aceitação dura mais do que a gente imagina.

Cássix 21

O enfrentamento familiar dx jovem Aegon, 23 anos, não se difere dx Cássix, 21. Quando conversamos, elx revelou o seguinte:

O processo de aceitação da minha família foi um processo difícil, foi um pouco tenso. Na verdade, para os meus pais, pra minha família, no geral. Eu fui criadx em um meio evangélico, família evangélica. Sou filhx de pastor e dos doze filhos, eu sou x caçula. Então, até onde eu sei, eu sou x únicx filhx LGBT da família, e sempre foi muito difícil pra mim porque desde pequeno eu já me sentia um pouco assim... excluídx, mas não de toda família, mas de alguns parentes. Então, eu fui crescendo com aquela exclusão, mas nunca totalmente. Foi um choque pra minha família porque eu não preparei terreno. Então, foi por telefone a primeira vez que me assumi. Depois tive que encarar a realidade e sentar com meus pais e conversar com eles. Pelo fato de estar em outra cidade, me assumi pelo telefone. Senti rejeição da parte de minha mãe. Meu pai entendeu a minha situação, já minha mãe, não. Ficamos um tempo sem se falar. Tive rejeição por parte de alguns irmãos também. Ainda hoje, minha mãe acha que existe uma possibilidade de eu “me sair” e a situação se reverter.

Aegon, 23

Na entrevista dxs últimxs jovens, nota-se que, em alguns templos religiosos, existem discursos carregados de medo e de uma demonização para os que “preferem” cometer o pecado de se relacionarem com o mesmo sexo a seguirem a vida prescrita por certa divindade. Maranhão (2016, p. 205) diz que alguns neopentecostais veem a homossexualidade como

[...] trauma, abuso sexual, físico, emocional ou psicológico, rejeição, ausência dos pais, experiência homossexual na infância, ambiente escolar, sexo grupal ou com animais, consagração da pessoa a cultos afros, participação da pessoa em cultos afro, contato com pomba-giras, mídia, contato com ideologias gays (MARANHÃO, 2016, p. 205).

Ainda de acordo com o autor, “nestas concepções, em termos espirituais a pessoa é vista como abominação a Deus e abandonada por Ele [...]” (MARANHÃO, 2016, p. 205). Para tanto, é utilizado, por muitos neopentecostais, o discurso de que aceitar Jesus como único Salvador livra o indivíduo de todos os pecados do mundo, inclusive os que o condiciona à pomba-gira. Maranhão (2016, p. 201-202), também ressalta que,

[...] o corpo é morada de entidades como a Pomba-gira Sete Saias ou a Pomba-gira Lady Gaga. E ser possuída/o por tais entidades significa ter (d)efeitos no corpo e n'alma—que são reflexos um do outro. Deus cria um binômio corpo/alma, o Diabo de forma, mas a igreja está lá para auxiliar nas obras de reforma—corrigir a alteração corporal que reverbera no espírito (MARANHÃO, 2016, p. 201-202).

Diante do que xs jovens narraram sobre a família e a sexualidade deles, percebe-se que essa instituição está condicionada ao posicionamento de diversos setores da sociedade, inclusive, aos falares dxs vizinhxs e da igreja, os quais estão atravessados por questões culturais. Lembrando ainda que no campo essas relações são mais estreitas.

### 3.2 Comunidade

É difícil para o senhor José chegar na quitanda em busca de farinha ou no boteco à procura de sua pinga e saber que seu filhx anda na “boca dxs outrxs”. Pior ainda é ouvir de modo escancarado que pegaram ele no mato fazendo algo que desonrasse seu nome. Esses exemplos fictícios são reais no contexto campesino. Nesse ambiente, a coerção e a regulação tendem a ser maiores por conta dos velhos conhecimentos geracionais, cujas pessoas são o espelho da família e devem mostrar respeito pelas origens.

Diante disso, quando a conversa com os entrevistados foi por esse caminho, percebeu-se que:

“você não vai sofrer um preconceito extremo a ponto de apanhar, mas ou você cria uma imagem, uma personalidade forte mesmo aqui ou então passam por cima de você... ser ridicularizado. Então, o respeito se constrói dessa forma, ou você sendo muito inteligente para que todo mundo precise de você e passe a te respeitar ou então você sendo o viado barraqueiro mesmo, o viado que não leva desaforo não e que bota o povo no lugar deles porque é assim. Hoje em dia pra você conseguir respeito sendo LGBT do interior, você tem que ser desse jeito.”

Violet, 21

Já para Cássix, ser lésbica no campo,

“e uma questão muito chata. Como você pode imaginar, as pessoas que são da zona rural, do campo têm uma mente totalmente fechada, uma mente totalmente voltada a conceitos, religião. É aquele povo bruto, ignorante e aí fica um pouco difícil de você tentar se explicar ou tentar fazer com que eles entendam, mas eu já coloquei uma coisa em minha cabeça que eu não preciso que as pessoas me entendam, eu não preciso me explicar pra ninguém. Aqui onde eu moro é uma região onde tem bastante meninos, bastante homens e a maioria das mulheres são as minhas irmãs e eu travo uma luta sozinha aqui na região, na verdade, no campo. Não conheço por aqui algum LGBT também que seja assumido, que me dê uma força pra lutar então eu tenho que mostrar quem eu sou, eu tenho que lutar contra isso sozinha. Muitas das vezes, meus colegas diziam: “Ah, você é lésbica, então tem que ser tratada como homem”. Eu ficava muito constrangida diante destas situações, mas hoje não me tratam mais assim.”

Cássix, 21

Quando essa mesma pauta foi colocada para x jovem Aegon, elx disse que,

“ser um LGBT no campo tem lá seus pontos positivos porque... no campo não tem aquele... hoje a gente sabe que tem violência em todos os lugares, mas na zona urbana é mais fácil o índice de violência ser maior, então no campo não tem aquela questão de você ser agredido de você ser sofrer preconceito, mas não é em todo caso. Em alguns casos, tem sim agressão, preconceito, mas isso não justifica que no campo tenha um número maior de agressões contra LGBT. A parte positiva é essa, e a gente tem que aprender a superar medos também porque pelo fato de no campo as pessoas serem um pouco mente fechada, então os LGBTs para eles se assumirem, se identificarem dentro da sociedade, eles têm receio de tudo. Na verdade, acontece com todos nós, independente que seja do campo, da cidade, mas no campo já é um pouco mais burocrático, as pessoas têm a mente fechada.”

Aegon, 23

No campo, existe um intenso silenciamento das sexualidades pela comunidade porque elas “burlam” o convencional, ou seja, “[...] o camponês é percebido como o indivíduo que trabalha para manter a sua prole numa relação em que não há lugar para práticas sexuais que não tenham como finalidade a procriação, estando a busca pelo deleite condenada às ‘moitas’ e aos “indizíveis” disseminados pelos ruídos” (GONTIJO; ERICK, 2015, p. 34).

Pelas breves narrativas dos jovens, nota-se que há de ser espertx, inteligente e forte para superar os desafios de ser um LGBT no campo. Além disso, ser alguém que auxilie na comunidade porque isso compensa o desvio da sexualidade em um espaço conservador.

### 3.3 Escola

Com base no que fora analisado nos discursos dxs jovens, é nítido que “[...] família, escola, mídia, igreja, lei [...] todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (LOURO, 2019, p. 30). Quanto ao papel da escola, Louro (2019, p. 31) aborda que:

[...] a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, do outro, simultaneamente, contê-la. Um homem ou uma mulher “de verdade” deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso (LOURO, 2019, p. 31).

Então, seguimos conversando sobre a escola na vida dos jovens LGBTs. Violet descreve seu período escolar como:

minha relação na escola foi clichê, clichê que acontece com todo mundo. Eu sofri mais Bullying por conta da aparência, mas também não descarto o fato de ter sofrido Bullying pelo meu jeito, minha delicadeza, pelos meus trejeitos, por isso, por aquilo. Então, eu sempre ouvi assim... aquela bixa não sei o quê; aquele viado. Aquilo é viado, gente; aquele trem é viado. Eu sempre ouvi esse tipo de coisas assim, mas bem por alto, porque as pessoas eram tão assim... covardes que não tinham coragem de olhar nos meus olhos, sabe, e me afrontar. Não tinham essa coragem, até porque eu ia rebater tudo aquilo, eu ia me defender por mais que tivesse sozinho, mas eu ia me defender. Então, muitos dos casos eu era motivo de chacota, de risos. É o que o gay sofre, é o motivo da piada, é sempre a piada do momento, a piada da hora. Foi muito tenso, quanto mais eu sofria em questão dos meus trejeitos, do meu jeito de ser, do meu jeito de agir, mais eu me aprofundava no meu estado de timidez, de repressão, sabe. Comecei a criar uma fobia social, eu não queria ficar perto das pessoas por conta daquilo porque a pessoa poderia tá rindo de qualquer coisa, mas eu olhava pra ela como se ela tivesse rindo de mim. Então, aquilo me machucava, me incomodava e eu evitava, o máximo, contato coletivo com mais pessoas. Então, passei a me esconder nas salas, eu não saía para o recreio porque era muito triste, porque riam do meu jeito e eu tava cansado de brigar com tanta gente, sabe? A gente cansa, a gente fica enjoado de todo dia aquela rotina. É muito triste porque o colegial, o fundamental, o ensino médio são fases que abalam muito sua autoestima. Então, até eu começar a me amar, a ter amor próprio por mim levou muito tempo

porque eram tantas marcas, tantos traumas que era muito difícil eu juntar meus cacos e colar e remodelar quem eu era.

Violet, 21

De acordo com a jovem Cássia,

essa situação de escola foi bem mais difícil pra mim quanto à questão da família porque eu sempre fui uma pessoa que sempre fiz muitas amizades e, na verdade, eu tenho essa facilidade de fazer com que as pessoas se aproximem de mim. Estudei em Teixeira e lá era muito mais de boa porque as pessoas têm uma mente um pouco mais aberta e eu pude conhecer outras pessoas também que estavam na luta, que estão até hoje, mas aqui no Guarani foi bem difícil porque, na verdade, a maioria dos amigos se afastaram. Então, rolou muito essa questão de afastamento de amigos, sofri um preconceito muito grande. Até por professores sofri preconceito também. Há uns anos atrás, até pela própria diretora do colégio. Então, foram coisas que me machucaram muito. Essas coisas me deram um início de depressão também porque eu sofri muito. Eu não queria mais estudar, chegava até a passar mal na escola por conta de tanta pressão psicológica. Pedia pra minha mãe não deixar eu mais ir pra escola e parei alguns anos porque eu não aguentava as zoeiras, as brincadeiras. Tipo, aquela coisa...Ah! Olha a mulher macho! Porque eu sempre curti futebol também. Então, são pequenas palavras que me machucou muito na escola, sabe? Só que de dois anos pra cá, aprendi também a lidar com isso, fui mais forte e diante do preconceito, eu lutei e quebrei padrões dentro da escola. Consegui o respeito de muitas pessoas.

Cássia, 21

Já para Aegon 23,

na época a gente não via as pessoas falando sobre a homossexualidade, não era um assunto assim tão aberto. Hoje, já é um assunto mais solto, é um assunto que já é incluso no meio social, as pessoas falam mais abertamente. Foi um período que eu vivi recluso, vivia escondido, o meu verdadeiro eu vivia escondido. Algumas pessoas... mas sempre no fundo as pessoas já sabiam porque a gente quando olha conhece, mas alguns são um pouco difícil de identificar, mas as pessoas olhavam pra mim e eu já ouvia alguns comentários sobre a minha orientação, mesmo eu nunca falando abertamente pra ninguém, mesmo eu não sendo assumido já ouvia alguns comentários. Comentários de coleguinhas ou de algum funcionário, mas eu nunca procurei bater de frente, eu sempre relevava, sempre ignorava. Uma coisa que eu sempre deixava bem claro era nas aulas de Educação Física porque eu nunca fui muito bom em futebol e todo mundo sabe que o hétero... o futebol é o ponto forte do hétero. Nas aulas de Educação Física, eu sempre ficava no canto.

Aegon, 23

Diante das colocações, é nítido que a escola vem sendo um ambiente repressor e que, por vezes, compactua com os rechaços e diminuição dxs jovens LGBTs, uma vez que não



possui, de fato, ações que desconstruam os discursos LGBTfóbicos promovidos em seu espaço. Para Louro (2019, p. 22),

[...] as marcas mais permanentes que atribuímos às escolas não se referem aos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado, mas sim se referem a situações do dia a dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores [...] com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual (LOURO, 2019, p. 22).

Assim, as identidades que burlam o convencional são isoladas nas instituições de ensino, são postas em um nível de abjeção e de tolhimento, ou seja, “um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; [...] mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas” (LOURO, 2019, p. 26).

#### 4 Para não concluir...

As “Narrativas e Memórias de estudantes gays e lésbicas na Educação do Campo” foram construídas sobre os processos de subjetivação dos LGBTQIA+ do campo, caminhando por reminiscências e memórias, compreendendo que “[...] a memória individual está vinculada às lembranças de todas as situações, boas ou ruins, do passado ímpar de cada pessoa” (RODRIGUES; SARMENTO-PANTOJA, 2010, p. 64).

Este artigo evidenciou “[...] aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual [...] [e que] restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação” (LOURO, 2019, p. 33). Portanto, os jovens que um dia ouviram e que ainda ouvem na comunidade os velhos ditos heteronormativos de que “homem não chora”; “mulher que não sabe limpar, não serve pra casar”; “homem não brinca de boneca”, dentre outros, foram as personagens principais deste trabalho.

Este texto pontuou também que o “[...] gênero e sexualidade continuam importantes para analisarmos experiências de sujeitos que fogem da norma heterossexual, mas que aponta para outros marcadores sociais diferentes que também devem ser levados em consideração”

(GONTIJO; ERICK, 2015, p. 29), pois, por trás de uma identidade, sempre existirá outra que possui suas razões de ser constituída como tal.

No que concerne às identidades de gênero, Butler (2003, p. 37) pontua que:

o que pode então significar “identidade”, e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes? Mais importante, como essas suposições impregnam o discurso sobre as “identidades de gênero”? Seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero (BUTLER, 2003, p. 37).

Em face dessas colocações, fica evidente que o binarismo é preponderante nas relações sociais e o indivíduo ao estar inserido no mundo é condicionado a uma linguagem onde existe a segregação do que pode ou não, do que é ou não elemento masculino/feminino.

Assim, xs jovens LGBTs do campo não se diferenciam dxs da zona urbana quando falamos de preconceito. O que os diferenciam, de fato, é a forma de como a política da sexualidade age nos diferentes espaços. Então, o que há de certo é que os rechaços se fundamentam em qualquer elemento que se desvie do padrão heterossexual, podendo ser mais castrador no espaço campesino. E que concluir o olhar torto de dona Ildete ou as pancadas do senhor Natalício, meus pais, levarão ainda algum tempo, mas que seja um tempo de ressemantização de discursos, de produções acadêmicas e de projetos que ressignifiquem a minha sexualidade e as dessxs jovens, que confiaram a partilha de suas vidas comigo.

## Referências

124

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n 1, p. 68-80, jan/jul.2005

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BRAGA, Láira Assunção; MACHADO, Thiago Pereira; OLIVEIRA, Luciano. Entre o temor e a resistência: o demônio da boneca e o “viadinho” abusado. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 75-86, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DODSWORTH-MAGNAVITA, Alexey. O surgimento dos homossexuais. **Revista Filosofia: ciência & vida**, São Paulo, n. 70, p. 14-22, mai 2012.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **ACENO**, v. 2, n. 4, p. 24-40, ago/dez. 2015.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, Salvador, v 1, n.9, p. 55-74, maio/out. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 9-42.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Sai desse corpo que esse caminho não te pertence! Pessoas trans\* e ex-trans\* em (re/des) caminhos de gênero, corpo e alma. **RBHR**, Ano 8, n. 24, jan/abr. 2016.

MELO, Silas Nogueira de. **Educação no campo e Educação rural**: distinção necessária para compreensão da realidade geográfica. 2011. 58f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Rio Claro, São Paulo, 2011.

NOGUEIRA, Luísa Magalhães *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, p. 466-485, mai/ago. 2017.

PAIVA, Pedro Henrique Azevedo da Silva. Arco-íris no campo: Etnografia da “Homossexualidade” masculina no ambiente rural. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 1, n. 1, p. 75-95, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGUES, Ana Maria Baía; SARMENTO-PANTOJA, Augusto. As estratégias da memória perante o trauma. **Dossiê literatura de minorias e margens da história**, Santa Maria, n. 4. p. 62-69, nov. 2010.

SILVA, Luan Layzon Souza; LEITE JUNIOR, Francisco Francinete. Homofobia na escola: Problematizando gênero e sexualidade entre estudantes do ensino médio. **Cadernos de Gênero e Diversidades**, v. 2, n. 2, p. 30-37, jul/dez. 2016.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. Bullying homofóbico: Reminiscências de jovens homossexuais da educação básica do município de Teixeira de Freitas-Bahia. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 9., 1994, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 1994. p. 16-29.